

"O melhor escritor de suspense da atualidade." – KEN FOLLETT

# JOHN GRISHAM



## JUSTIÇA A QUALQUER PREÇO



# 1

O final do ano trouxe as festas de costume, mas na casa dos Fraziers havia pouco a comemorar. A Sra. Frazier decorou uma pequena árvore sem muito empenho, embrulhou alguns presentes baratos e assou uns biscoitos que na verdade ninguém queria. Como sempre, deixou *O Quebra-Nozes* tocando sem parar no som enquanto cantarolava animadamente na cozinha, como se a temporada fosse *mesmo* de festa.

As coisas estavam tudo, menos festivas. O Sr. Frazier saíra de casa fazia três anos, e não era tanto objeto de saudade quanto de desprezo. Em tempo recorde, fora morar com sua jovem secretária, que, conforme se soube depois, já estava grávida. Rejeitada, humilhada, arruinada e deprimida, a Sra. Frazier ainda estava tentando se reerguer.

Louie, seu filho mais novo, estava em prisão domiciliar, mais ou menos livre mediante fiança, e teria um ano difícil pela frente, com as acusações relacionadas a drogas e tudo o mais. Ele não fez qualquer esforço para comprar nada a título de presente para a mãe. Sua desculpa foi que não podia sair de casa por causa da tornozeleira eletrônica que o tribunal o obrigara a usar. Porém, mesmo sem ela, ninguém esperava que Louie se desse ao trabalho de comprar presentes. No ano anterior e no que viera antes, não havia empecilho em seus tornozelos, e ele não havia se dado ao trabalho de comprar nada.

Mark, o mais velho, estava em casa se recuperando dos horrores da faculdade de direito, e embora fosse ainda mais pobre do que o irmão, dera um

jeito de comprar um perfume para a mãe. Sua formatura estava marcada para maio e a prova da ordem para julho; em setembro começaria a trabalhar num escritório de advocacia em Washington, por acaso o mesmo mês em que estava agendado o julgamento de Louie. Só que o caso do irmão não seria julgado por dois ótimos motivos. Primeiro, os policiais infiltrados o tinham pego em flagrante vendendo dez papalotes de crack – havia até um vídeo – e, segundo, nem Louie nem a mãe tinham como pagar um advogado razoável para cuidar da encrenca. Durante todo o feriado, tanto Louie quanto a Sra. Frazier jogaram indiretas, sugerindo que Mark deveria intervir e se oferecer para defender o irmão. Não seria fácil adiar o assunto até a segunda metade do ano, quando Mark já teria sido devidamente aceito na ordem dos advogados? Ele já estava praticamente aprovado. E, uma vez que ele tivesse o registro, não seria uma simples questão de encontrar um daqueles detalhes técnicos de que todo mundo fala para conseguir que as acusações fossem retiradas?

Essa pequena fantasia dos dois tinha algumas falhas bem grandes, mas Mark se recusava a discutir o assunto. Quando ficou evidente que Louie planejava acampar no sofá por no mínimo dez horas no dia 1<sup>o</sup> e assistir a sete partidas seguidas de futebol americano, Mark deu uma saída discreta e foi para a casa de um amigo. À noite, voltando para casa dirigindo depois de beber, tomou a decisão de fugir. Iria voltar para Washington e matar tempo realizando tarefas sem importância para o escritório que em breve o contrataria. Ainda faltava quase duas semanas para as aulas começarem, mas, depois de dez dias ouvindo Louie reclamar e se lamuriar dos próprios problemas – sem falar no *Quebra-Nozes* tocando sem parar –, Mark estava de saco cheio, ansioso para começar o último semestre na faculdade.

Colocou o despertador para as oito horas da manhã seguinte e, enquanto tomava café com a mãe, explicou que estavam precisando dele em Washington. Desculpe ir embora um pouco antes do previsto, mãe, e desculpe deixar você aqui sozinha com seu filho delinquente, mas estou indo. Ele não é responsabilidade minha. Eu tenho meus próprios problemas.

O primeiro desses problemas era o seu carro, um Ford Bronco que ele tinha desde o ensino médio. O odômetro havia travado em 300 mil quilômetros rodados – e isso acontecera na metade da graduação. O carro precisava desesperadamente de uma bomba de combustível nova, apenas uma dentre as muitas peças na Lista de Urgências. Usando fita adesiva e cliques

de papel, Mark tinha conseguido fazer gambiarras no motor, na caixa de transmissão e nos freios nos últimos dois anos, mas não tivera sorte com a bomba de combustível. O carro andava, mas com uma potência menor do que o normal. Rodava a no máximo 80 quilômetros por hora em terreno plano. Para não ser intimidado pelas carretas nas autoestradas, Mark só usava as vias secundárias da zona rural de Delaware e da parte leste de Maryland. A viagem de duas horas de Dover até o centro de Washington levava o dobro do tempo.

Isso lhe deu ainda mais tempo para pensar nos seus outros problemas. O segundo deles era sua dívida estudantil sufocante. Ele havia concluído a graduação com 60 mil dólares em empréstimos e nenhum emprego. Seu pai, que na época parecia muito bem casado, mas também estava endividado, o tinha alertado para não continuar os estudos. “Caramba, garoto, quatro anos de graduação e 60 mil no vermelho. Saia dessa antes que fique pior.” Mas, como Mark achava que aceitar conselhos financeiros do pai era tolice, trabalhou uns dois anos aqui e ali como barman e entregador de pizza enquanto negociava com os credores. Agora, em retrospecto, não tinha certeza de onde tinha vindo a ideia de estudar direito, mas lembrava-se de entreouvir uma conversa entre dois caras que debatiam assuntos graves enquanto bebiam até cair. Mark era o barman, o salão não estava cheio, e depois da quarta rodada de vodca com suco de cranberry eles tinham começado a falar alto o suficiente para todo mundo ouvir. Entre as muitas coisas interessantes que tinham dito, Mark sempre se lembrava de duas: “Os grandes escritórios de advocacia de Washington estão contratando a rodo.” E “O salário inicial é de 150 mil por ano”.

Não muito depois disso, ele havia esbarrado com um amigo que estava no primeiro ano da Faculdade de Direito Foggy Bottom, em Washington, e o cara começara a falar sobre seus planos para acabar depressa a universidade, terminar o curso em dois anos e meio, e entrar para um escritório grande com um salário polpudo. O governo federal estava facilitando os financiamentos universitários, qualquer um podia conseguir, e bem, claro, ele iria se formar enterrado em dívidas, mas nada que não conseguisse saldar em cinco anos. Para esse amigo, fazia total sentido “investir em si mesmo” se endividando, porque isso garantiria todo aquele potencial de ganhos no futuro.

Mark mordeu a isca e começou a estudar para o exame de admissão em

cursos de direito. Conseguiu 146 pontos, nada impressionantes, mas isso não incomodou o pessoal de admissão da Faculdade de Direito Foggy Bottom. Tampouco seu currículo anêmico da graduação, com a sofrível média de 2,8 pontos sobre 4. A FDFB o aceitou de braços abertos. Seus pedidos de financiamento foram aprovados com rapidez. Sessenta e cinco mil dólares eram simplesmente transferidos todo ano do Departamento de Educação para a Foggy Bottom. E agora, faltando um semestre para o fim do curso, Mark era obrigado a encarar a triste realidade de se formar com um total geral, graduação e especialização em direito, principal e juros, de 266 mil dólares em dívidas.

Outro problema era o seu emprego. Na verdade, o mercado não estava assim tão bom quando diziam. Tampouco estava tão vibrante quando a FDFB havia anunciado em seus panfletos elegantes e em seu site quase fraudulento na internet. Formandos das universidades de direito mais prestigiosas ainda conseguiam arrumar posições com salários invejáveis. Mas a Foggy Bottom não era bem uma faculdade prestigiosa. Mark havia conseguido estabelecer relações com um escritório de direito de porte médio especializado em “relações com o setor público” – o que não significava nada além de fazer lobby. Seu salário inicial ainda não fora estipulado, pois o conselho administrativo do escritório iria se reunir no início de janeiro para rever os lucros do ano anterior e supostamente mexer na estrutura de cargos e salários. Dali a alguns meses, Mark deveria ter uma conversa importante com sua “consultora de empréstimo” sobre reestruturar sua dívida estudantil para dar um jeito de pagar a porcaria toda. A consultora já havia se mostrado preocupada com o fato de ele não saber quanto iria receber. Isso também preocupava Mark, sobretudo se somado ao fato de ele não confiar em ninguém que conheceria no escritório. Por mais que tentasse se enganar, ele sabia, bem lá no fundo, que o seu emprego não estava garantido.

Outro problema era a prova da ordem. Por causa da demanda, a versão aplicada em Washington era uma das mais difíceis do país, e os formandos da FDFB vinham sendo reprovados a um ritmo alarmante. No exame as escolas de prestígio da capital também iam bem. No ano anterior, a Georgetown tivera um índice de aprovação de 91%. Na George Washington, o índice fora de 89%. Na FDFB, o índice fora de patéticos 56%. Se quisesse passar, Mark precisava começar a estudar agora, no início de janeiro, e passar seis meses com a cara enfiada nos livros.

Mas ele simplesmente não tinha energia para isso, ainda mais nos dias frios, escuros e deprimentes do inverno. Às vezes a dívida pesava como blocos de concreto presos às suas costas. Andar era um suplício. Sorrir era difícil. Ele estava vivendo na pobreza, e o seu futuro, mesmo se conseguisse o emprego, não era promissor. Isso porque ele era um dos sortudos. Em retrospecto, havia começado a ouvir as reclamações já no primeiro ano, e a cada semestre o clima na faculdade ficava mais sombrio e a desconfiança mais forte. O mercado de trabalho piorou. Os resultados na prova da ordem constrangiam todo mundo na FDFB. As dívidas foram se acumulando. Agora, em seu terceiro e último ano, não era raro ouvir alunos bater boca com os professores em sala de aula. O reitor não saía de sua sala. Bloqueiros atacavam a faculdade e gritavam perguntas duras: “Será um golpe?” “Nós fomos enganados?” “Onde foi parar o dinheiro?”

Em graus variados, quase todo mundo que Mark conhecia acreditava que (1) a FDFB era uma faculdade de direito de segunda categoria que (2) fazia promessas demais, (3) cobrava caro demais e (4) incentivava um endividamento excessivo ao mesmo tempo que (5) admitia muitos alunos medíocres que na verdade não deveriam estar estudando direito e que (6) ou não se preparavam adequadamente para a prova da ordem ou (7) eram burros demais para passar.

Havia boatos de que as matrículas na FDFB tinham despencado 50%. Sem apoio público e sem fundos próprios, um declínio dessa magnitude causaria todo tipo de cortes de custo dolorosos, e a faculdade, que já era ruim, na verdade só tinha como piorar. Para Mark Frazier e seus amigos, estava tudo bem. Eles aguentariam os quatro meses seguintes e iriam embora de lá felizes, para nunca mais voltar.

MARK MORAVA NUM prédio de cinco andares com oitenta anos de idade, visivelmente caindo aos pedaços. Mas o aluguel era barato, o que atraía alunos da George Washington e da FDFB. No início, o prédio era conhecido como Cooper House, mas após trinta anos nas mãos dos universitários, havia feito jus ao seu apelido de Coop, “galinheiro”. Como os elevadores quase nunca funcionavam, Mark subiu de escada até o segundo andar e adentrou seu apartamento apertado e com pouca mobília, pelo qual pagava oitocentos dólares ao mês por 45 metros quadrados. Por algum motivo, tinha feito

faxina depois da última prova antes do Natal, e quando acendeu a luz ficou satisfeito ao constatar que tudo estava em ordem. E por que não estaria? O proprietário daquele pardieiro nunca aparecia. Ele soltou as malas no chão e se espantou com o silêncio. Em geral, repleto de estudantes universitários, com paredes finas, a barulheira era constante. Aparelhos de som, TVs, discussões, pegadinhas, partidas de pôquer, brigas, gente tocando violão, e até um nerd no terceiro andar que tocava trombone que fazia o prédio inteiro tremer. Mas dessa vez não. Todo mundo ainda estava com a família, aproveitando o feriado, e nos corredores havia um silêncio inquietante.

Meia hora depois, Mark ficou entediado e saiu. Enquanto andava pela New Hampshire Avenue, com o vento penetrando seu fino suéter de lã e sua velha calça de sarja, decidiu, por algum motivo, dobrar na Rua 21 e passar pela faculdade para ver se estava aberta. Numa cidade em que não faltavam prédios modernos horrorosos, a FDFB conseguia se destacar pela feiura. Era um edifício do pós-guerra revestido com tijolos de um amarelo sem graça e dividido em oito andares organizados em alas assimétricas, uma tentativa fracassada de inovação de algum arquiteto. Supostamente tinha sido um prédio de escritórios, mas as paredes tinham sido derrubadas sem cerimônia para criar auditórios apertados nos quatro pisos inferiores. No quinto ficava a biblioteca, uma verdadeira toca de coelho de cômodos grandes e modernizados repletos de livros nos quais quase ninguém tocava e de reproduções de retratos de juízes e estudiosos do direito que ninguém conhecia. No sexto e sétimo andares ficavam as salas dos professores e, no oitavo, o mais longe possível dos alunos, a administração, com o reitor bem escondido num canto do qual raramente se aventurava a sair.

A porta da frente estava destrancada, e Mark entrou no saguão vazio. Embora tenha apreciado o calor lá dentro, achou o lugar totalmente deprimente, como sempre. Um imenso quadro de avisos ocupava uma das paredes com todo tipo de comunicado, anúncio e proposta atraente. Havia alguns cartazes bonitos anunciando oportunidades para estudar no exterior e a variedade habitual de anúncios caseiros, vendendo alguma coisa – livros, bicicletas, ingressos, resumos de cursos, aulas particulares – ou oferecendo apartamentos para alugar. A prova da ordem pairava sobre a faculdade como uma nuvem negra, e cartazes louvavam a excelência de alguns cursinhos de revisão. Se ele procurasse bem, possivelmente conseguiria encontrar algumas oportunidades de emprego, mas na FDFB elas

vinham diminuindo a cada ano. Em um canto, viu os mesmos velhos panfletos empurrando ainda mais empréstimos estudantis. Bem no final do saguão havia máquinas de venda automática e um pequeno café, mas nada estava sendo servido ali durante o feriado.

Ele afundou numa poltrona de couro surrada e se deixou tomar pelo clima soturno da sua faculdade. Será que aquilo era mesmo uma faculdade ou era apenas mais uma fábrica de diplomas? A resposta estava ficando cada vez mais clara. Pela milésima vez, ele desejou jamais ter atravessado aquelas portas como um inocente calouro. Agora, quase três anos depois, estava afundado em dívidas que não conseguia imaginar como um dia poderia saldar. Se havia uma luz no fim do túnel, ele não conseguia ver.

E por que alguém iria batizar uma faculdade de Foggy Bottom, “fundo brumoso”? Como se a experiência da faculdade de direito por si só já não fosse deprimente o bastante, vinte anos antes alguma alma iluminada tinha lhe dado um nome que transmitia um baixo astral ainda maior. Esse cara, agora falecido, tinha vendido a faculdade para uns investidores de Wall Street, proprietários de uma rede de faculdades de direito que pelo que constava vinham rendendo belos lucros e produzindo bem poucos talentos jurídicos.

Como é que alguém vende e compra faculdades de direito? Isso continuava sendo um mistério.

Mark ouviu vozes e saiu apressado de edifício. Desceu a New Hampshire até Dupont Circle, onde entrou na livraria Kramer Books para tomar um café e se aquecer um pouco. Só andava a pé. Seu carro engasgava e morria demais no trânsito da cidade, e ele o mantinha estacionado num terreno baldio atrás do Coop, sempre com a chave na ignição. Infelizmente, até agora ninguém se sentira tentado a roubá-lo.

Novamente aquecido, subiu seis quarteirões pela Connecticut Avenue. O escritório de advocacia Ness Skelton ocupava alguns andares de um edifício moderno perto do Hinckley Hilton. Mark conseguira se infiltrar na empresa no verão anterior, aceitando um estágio por um pagamento inferior ao salário mínimo. Nos grandes escritórios de advocacia, os programas de verão eram usados para atrair os melhores alunos para a boa vida. Tinha-se pouco trabalho. Os estagiários cumpriam um horário ridiculamente tranquilo e ganhavam ingressos para partidas esportivas e convites para festas elegantes nos esplêndidos jardins dos sócios ricos. Uma vez seduzidos, as-



sinavam um contrato e, assim que se formavam, eram jogados no moedor de carne das cem horas semanais.

No Ness Skelton não era assim. Com apenas cinquenta advogados, o escritório estava longe de ser um dos dez maiores. Seus clientes eram associações comerciais – o Fórum da Soja, os Funcionários Aposentados dos Correios, o Conselho da Carne Bovina e Ovina, os Prestadores Nacionais de Serviços de Asfaltamento, os Engenheiros Rodoviários Portadores de Deficiência e vários prestadores de serviços da indústria da defesa desperados pela sua fatia do bolo. A especialidade do escritório, se é que ele tinha alguma, era manter boas relações com o Congresso. Seu programa de estágios de verão era mais destinado a explorar mão de obra barata do que a atrair bons alunos. Mark tinha dado duro e suportado o trabalho embrutecedor. No final do verão, quando lhe ofereceram algo parecido com um emprego fixo depois que ele passasse na prova da ordem, não conseguiu decidir se deveria comemorar ou chorar. Mesmo assim, agarrou a oferta, pois não tinha outra escolha, e tornou-se orgulhosamente um dos poucos alunos da FDFB a terem um futuro. Ao longo de todo o outono, havia pressionado delicadamente seu supervisor com relação às condições do futuro cargo, mas sem sucesso. Era possível que houvesse uma fusão. Era possível que houvesse uma divisão. Várias coisas eram possíveis, mas um contrato de trabalho não estava entre elas.

Então ele ficava por lá. Tardes, sábados, feriados, a qualquer momento em que se sentisse entediado, ele passava no escritório, sempre com um grande sorriso fingido no rosto, animado para ajudar com o trabalho braçal. Não estava claro se isso lhe trazia alguma vantagem, mas ele calculava que mal não poderia fazer.

Seu supervisor se chamava Randall. Trabalhava no escritório havia dez anos e estava prestes a se tornar sócio, de modo que estava sob muita pressão. Um associado ao Ness Skelton que não virasse sócio depois de uma década era discretamente mandado embora. Randall era formado pela George Washington, que, na escala social da cidade, ficava um degrau abaixo da Georgetown, mas vários acima da Foggy Bottom. A hierarquia era clara e rígida, e eram os advogados da George Washington quem mais a marcavam. Eles detestavam ser menosprezados pelo pessoal da Georgetown; por isso, viviam loucos para tratar com desprezo ainda maior qualquer um da FDFB. O escritório inteiro tinha cheiro de panelinhas e esnobismo, e Mark

muitas vezes se perguntava como tinha ido parar ali. Dois dos advogados associados tinham estudado na FDFB, mas estavam tão ocupados tentando se distanciar da imagem da faculdade que não tinham tempo para ajudar Mark. Na verdade, pareciam ignorá-lo mais do que qualquer outra pessoa. “Que jeito de administrar um escritório de advocacia”, havia resmungado para si muitas vezes. Mas então pensava que cada profissão tinha seu nível de status. Estava preocupado demais com a própria pele para ficar se importando com a faculdade onde os outros haviam estudado direito. Tinha seus próprios problemas para resolver.

Mandara um e-mail para Randall dizendo que passaria no escritório para fazer qualquer trabalho braçal que estivesse disponível. Seu supervisor o recebeu com um sucinto:

– Já de volta?

*Claro, Randall, e você, como foi de feriado? Prazer em vê-lo.*

– É, fiquei de saco cheio de todo aquele clima de feriado. O que está rolando?

– Duas secretárias não vieram porque estão gripadas – disse Randall. Ele apontou para uma pilha de documentos com trinta centímetros de altura. – Preciso de catorze cópias disso aí, ordenadas e grampeadas.

*Tá bom, de volta à sala do xerox, pensou Mark.*

– Claro – falou, como se estivesse ansioso para começar.

Pegou os documentos e levou tudo para o subsolo, uma masmorra de copiadoras. Passou as três horas seguintes fazendo um trabalho estúpido pelo qual não iria receber nada.

Estava quase com saudade do Louie e de sua tornozadeira eletrônica.

## 2

Assim como Mark, Todd Lucero se inspirou a virar advogado por causa de conversas regadas a birita entreouvidas num bar. Nos últimos três anos, vinha trabalhando como barman no Old Red Cat, um bar em estilo pub frequentado por alunos da George Washington e da Foggy Bottom. Depois da graduação na estadual de Frostburg, tinha saído de Baltimore e ido parar em Washington em busca de uma carreira. Quando não encontrou nenhuma, começou a trabalhar no Old Red Cat em meio expediente, e logo percebeu que gostava de servir chope e preparar drinks fortes. Passara a amar aquela vida de bar, e tinha um dom para puxar papo com os bebedores mais sérios e conter os arruaceiros. Todd era o barman preferido de todo mundo, e tratava centenas de clientes assíduos pelo primeiro nome.

Nos últimos dois anos e meio, ele havia pensado muitas vezes em desistir da faculdade de direito para correr atrás do sonho de ter o próprio bar. Seu pai, entretanto, tinha fortes opiniões contra esse projeto. Lucero pai era policial em Baltimore e sempre havia pressionado o filho para conseguir um diploma de ensino superior. Pressionar era uma coisa, mas pagar eram outros quinhentos. Assim, Todd tinha caído na mesma arapuca de pegar dinheiro emprestado com facilidade e entregá-lo para o pessoal ganancioso da FDFB.

Ele e Mark Frazier haviam se conhecido no primeiro dia, durante a orientação aos novos alunos, na época em que ambos ainda estavam com

os olhos brilhando, sonhando com uma carreira de sucesso e um gordo salário, na época em que eles – junto com outros 350 alunos – eram terrivelmente ingênuos. Jurou largar o curso depois do primeiro ano, mas seu pai gritou com ele. Por causa das responsabilidades no bar, ele nunca arrumava tempo para ir de porta em porta nos escritórios da cidade caçar um estágio de verão. Jurou largar o curso depois do segundo ano e estancar a dívida crescente, mas seu consultor de empréstimo o aconselhou fortemente a não fazer isso. Contanto que continuasse estudando, ele não teria de enfrentar um cronograma brutal de pagamentos, de modo que fazia total sentido continuar pegando empréstimos para poder se formar e depois encontrar um daqueles empregos lucrativos que, em teoria, dariam conta de saldar as dívidas. Só que agora, faltando apenas um semestre, ele sabia muito bem que esses empregos não existiam.

Quem dera houvesse pagado 195 mil dólares de empréstimo num banco e aberto o próprio bar. Estaria ganhando rios de dinheiro e aproveitando a vida.

MARK ENTROU NO Old Red Cat logo que escureceu e foi se sentar em seu lugar preferido no final do balcão. Cumprimentou Todd batendo com o punho fechado no dele.

– Bom ver você, cara.

– Digo o mesmo – disse Todd, fazendo uma caneca gelada de chope deslizar na direção de Mark.

Depois de tantos anos de casa, podia servir fiado para quem quisesse, e havia anos que Mark não pagava.

Com os alunos de férias, o bar estava calmo. Todd se apoiou nos cotovelos e perguntou:

– E aí, o que está rolando?

– Bom, passei a tarde no bom e velho Ness Skelton, na sala de xerox, arrumando uns papéis que ninguém nunca vai ler. Mais um trabalho idiota. Até os assistentes me olham com desprezo. Eu odeio aquilo lá e ainda nem fui contratado.

– Nada de contrato ainda?

– Nada, e a cada dia que passa o negócio fica mais incerto.

Todd tomou um gole rápido de sua caneca escondida debaixo do balcão.

Mesmo com tantos anos de casa, não podia beber em serviço, mas seu patrão não estava lá.

– E como foi o Natal lá na casa dos Fraziers? – perguntou.

– Ho, ho, ho. Aguentei dez dias terríveis e dei o fora. E você?

– Três. Aí o dever chamou e voltei para trabalhar. E o Louie, como vai?

– Continua acusado, correndo sério risco de ir mesmo para a cadeia.

Eu deveria estar com pena dele, mas fica difícil ter compaixão por um cara que passa metade do dia dormindo e a outra metade jogado no sofá vendo *Judge Judy* e reclamando da tornozeleira eletrônica. Coitada da mamãe.

– Você está sendo muito duro com ele.

– Não o bastante. Esse é o problema dele. Ninguém nunca foi duro com o Louie. Ele foi pego com maconha quando tinha 13 anos e pôs a culpa num amigo. Meus pais correram para defender o filhinho, é claro. Ele nunca teve que se responsabilizar por nada. Até agora.

– Putz, cara. Não consigo imaginar como deve ser ter um irmão na cadeia.

– É, uma merda. Eu queria ajudar, mas não tenho como.

– Não vou nem perguntar sobre o seu pai.

– Não estive com ele nem tive notícias. Nem sequer um cartão. Ele está com 50 anos e é o feliz papai de um menino de 3. Imagino que tenha se fantasiado de Papai Noel, colocado uma penca de brinquedos debaixo da árvore e sorrido feito um imbecil quando o menino desceu a escada aos gritinhos. Que cara desprezível.

Duas estudantes entraram no bar e Todd foi servi-las. Mark pegou o telefone para checar as mensagens.

Ao voltar, Todd perguntou:

– Já recebeu alguma nota?

– Não. E que diferença faz? Nós somos todos melhores alunos. – As notas na Foggy Bottom eram uma piada. Era fundamental que os formandos saíssem de lá com um currículo impecável, e para isso os professores distribuíam As e Bs indiscriminadamente. Ninguém levava pau na FDFB. Então é claro que isso tinha dado origem a uma cultura um tanto preguiçosa, o que, naturalmente, acabava com qualquer chance de aprendizado competitivo. Um monte de alunos medíocres ficando ainda mais medíocres. Não era de espantar que a prova da ordem fosse um desafio tão grande. – E não podemos esperar que um bando de professores com salários mais altos do que mereciam corrijam provas durante o feriado, né?

Todd tomou outro gole, chegou ainda mais perto e disse:

– A gente tem um problema maior.

– O Gordy?

– O Gordy.

– Era o que eu temia. Mandeí mensagem e tentei ligar, mas o celular dele está desligado. O que está rolando?

– A coisa está ruim – respondeu Todd. – Pelo visto, ele foi passar o Natal em casa e brigou com a Brenda o tempo todo. Ela quer um grande casamento na igreja, com mil convidados. O Gordy não quer se casar. A mãe dela está se metendo. A mãe dele parou de falar com a mãe dela, e a coisa toda está fugindo ao controle.

– Todd, eles vão casar no dia 15 de maio. Se me lembro bem, você e eu nos comprometemos a ser padrinhos.

– Bom, não aposte nisso. Ele já voltou para Washington e parou de tomar os remédios. A Zola passou aqui hoje à tarde e me contou.

– Que remédios?

– É uma longa história.

– Que remédios?

– Ele é bipolar, Mark. Foi diagnosticado uns anos atrás.

– Está brincando, né?

– Por que eu iria brincar com uma coisa dessas? Ele é bipolar, e Zola disse que ele parou de tomar os remédios.

– Por que ele não contou pra gente?

– Isso eu não sei responder.

Mark tomou um grande gole de chope e balançou a cabeça.

– A Zola já voltou?

– Já. Está na cara que ela e o Gordy voltaram correndo para ficar alguns dias no bem bom, embora eu não tenha certeza de que estejam curtindo tanto assim. Ela acha que ele parou de tomar os remédios há mais ou menos um mês, quando estávamos estudando para as provas finais. Num dia está eufórico; no outro, está prostrado depois de ter tomado tequila e fumado maconha. Fica falando loucuras, que quer largar a faculdade e fugir para a Jamaica, com a Zola, claro. Ela acha que ele pode fazer alguma besteira e se machucar.

– O Gordy é um idiota. Está noivo da namorada do colégio, uma menina bonitinha que ainda por cima é rica, e fica de rolo com uma africana cujos

país e irmãos estão neste país sem o benefício daqueles documentos imigratórios de que todo mundo vive falando. É, o cara é um idiota.

– Mark, o Gordy está mal. Ele está piorando há semanas e precisa da nossa ajuda.

Mark empurrou a caneca uns poucos centímetros e juntou as mãos atrás da cabeça.

– Como se a gente não tivesse problema suficiente. Como exatamente você acha que daria para ajudar?

– Me diga você. A Zola está tentando ficar de olho nele e quer que a gente vá para lá hoje à noite.

Mark começou a rir e deu outro gole.

– Qual é a graça?

– Nada, mas você imagina o escândalo em Martinsburg, West Virginia, se ficassem sabendo que Gordon Tanner, cujo pai é diácono e cuja noiva é filha de um médico famoso, enlouqueceu, abandonou a faculdade de direito e fugiu para a Jamaica com uma africana muçulmana?

– Estou quase conseguindo ver a graça.

– Bom, tente mais um pouco. É hilário. – Mas Mark já havia parado de rir. – Olhe aqui, Todd, a gente não pode obrigar ele a tomar o remédio. Ele daria porrada em nós dois.

– Mark, ele precisa da nossa ajuda. Eu saio às nove e a gente vai lá.

Um homem de terno elegante se sentou no balcão e Todd foi anotar seu pedido. Mark deu um gole em seu chope e afundou ainda mais na fossa.

### 3

Três anos antes de Zola Maal nascer, seus pais fugiram do Senegal. Instalaram-se numa favela de Joanesburgo com os dois filhos pequenos e arrumaram subempregos fazendo faxina e cavando valas. Depois de dois anos, juntaram dinheiro suficiente para a viagem de navio. Usando os serviços de um atravessador/traficante, pagaram por uma viagem horrorosa até Miami a bordo de um cargueiro da Libéria junto com mais uns dez senegaleses. Após desembarcarem em segurança no país, um tio fora encontrá-los e os levara de carro até sua casa em Newark, Nova Jersey, onde eles passaram a morar num apartamento de dois cômodos num prédio ocupado por vários outros senegaleses – dos quais nenhum tinha *greencard*.

Um ano depois da chegada da família aos Estados Unidos, Zola nasceu no Hospital Universitário de Newark e se tornou automaticamente uma cidadã americana. Enquanto os pais trabalhavam em dois, três empregos, todos pagos em dinheiro vivo e abaixo do salário mínimo, Zola e os irmãos iam à escola e se integravam à comunidade. Como muçulmanos devotos, praticavam sua religião, embora desde cedo Zola tenha se sentido atraída pelo estilo de vida ocidental. Seu pai era um homem severo, e insistiu que os seus idiomas natais, o wolof e o francês, fossem substituídos pelo inglês. Os meninos assimilaram a nova língua e a ensinavam aos pais em casa.

A família morou em muitos lugares em Newark, em apartamentos apertados, cada um apenas um pouco maior do que o anterior, sempre com outros



senegaleses por perto. Todos viviam com medo de serem deportados, mas a união faz a força – ou ao menos era isso que pensavam. Cada batida na porta causava um breve calafrio de medo. Ficar longe de problemas era fundamental, e Zola e os irmãos foram ensinados a evitar qualquer coisa que pudesse atrair o tipo errado de atenção. Embora ela tivesse toda a documentação correta, sabia que a família estava em risco. Vivia apavorada sabendo que seus pais e irmãos podiam ser presos e mandados de volta para o Senegal.

Aos 15 anos, tinha arrumado o primeiro emprego lavando pratos numa lanchonete, por dinheiro vivo, claro – e muito pouco. Seus irmãos também trabalhavam, e a família vivia economizando o máximo podia.

Quando não estava trabalhando, Zola estudava. Passou sem dificuldades pelo ensino médio, com notas boas, e se inscreveu em meio período numa faculdade pequena. Uma bolsa de estudos lhe permitiu passar para o horário integral e também lhe valeu um emprego na biblioteca. Mas ela continuou lavando pratos, fazendo faxinas com a mãe e trabalhando como babá ocasionalmente para amigos da família com empregos melhores. Seu irmão mais velho se casou com uma moça americana que não era muçulmana, e embora isso significasse um caminho mais fácil para a cidadania, o atrito com os pais foi grande. Ele e sua nova esposa se mudaram para a Califórnia para começar uma vida nova.

Aos 20 anos, Zola saiu de casa e se matriculou na Universidade Estadual de Montclair. Foi morar num alojamento com duas americanas – que também viviam com um orçamento apertado. Escolheu o curso de contabilidade porque gostava de trabalhar com números e levava jeito para finanças. Estudava bastante quando tinha tempo, mas ter de conciliar dois e às vezes três empregos muitas vezes atrapalhava. Suas colegas de quarto a apresentaram às festas, e ela descobriu que levava jeito para isso também. Ainda que se ativesse à estrita proibição muçulmana em relação ao álcool – e de toda forma não suportasse o gosto de bebida alcoólica –, era mais receptiva a outras tentações. Sobretudo a moda e o sexo. Tinha quase um metro e oitenta, e sempre lhe diziam o quanto ela ficava linda de calça jeans apertada. Seu primeiro namorado ficou feliz em lhe ensinar tudo sobre sexo. O segundo a apresentou às drogas recreativas. Ao final do primeiro ano na nova faculdade, ela já se considerava secreta e desafiadoramente uma muçulmana não-praticante, embora seus pais não tivessem a menor ideia disso.

Eles em breve teriam problemas mais sérios. Durante o semestre de outono de seu último ano na graduação, o pai de Zola foi detido e passou duas semanas preso antes de se conseguir pagar a fiança. Na época, ele estava trabalhando como pintor para um mestre de obras, também senegalês, que tinha a documentação em dia. Ao que parecia, seu patrão havia oferecido um orçamento melhor do que o de um concorrente sindicalizado para um serviço de pintura na parte interna de um grande complexo de escritórios em Newark. O mestre de obras sindicalizado notificou o Órgão de Fiscalização de Imigração e Alfândega, o ICE, e denunciou o emprego de imigrantes ilegais. Isso por si só já era sério, mas alguns materiais de escritório supostamente haviam sumido e as acusações começaram. O pai de Zola e quatro outros trabalhadores ilegais foram indiciados por furto. Além da acusação penal, seu pai também foi intimado a comparecer ao tribunal de imigração.

Zola contratou um advogado que se dizia especialista nesse tipo de questão, e a família pagou um adiantamento de 9 mil dólares – praticamente todas as suas economias. O advogado era muito ocupado e raramente retornava as ligações. Com os pais e o irmão escondidos em Newark e arredores, Zola ficou sozinha para tratar com ele. Ela logo passou a desprezar o sujeito, um homem que falava depressa e gostava de distorcer a verdade, e o teria dispensado não fosse o adiantamento. Quando ele não apareceu no tribunal, o juiz o retirou do caso. Zola acabou convencendo um advogado a substituí-lo sem cobrar pela assistência jurídica, e a acusação por furto foi retirada. A deportação, contudo, continuava um risco. O caso foi se arrastando e a distração foi tanta que suas notas caíram. Depois de várias convocações e audiências, Zola se convenceu de que todos os advogados eram preguiçosos ou burros e que ela própria poderia fazer um trabalho melhor.

Foi então que caiu no golpe de que, com um financiamento federal facilitado, qualquer um poderia estudar direito e deu os primeiros e corajosos passos que a levariam à Foggy Bottom. Agora, na metade do último ano de direito, devia mais dinheiro do que conseguia imaginar. Tanto seus pais quanto Bo, seu irmão solteiro, corriam o risco de ser deportados, embora seus casos se arrastassem pelos sobrecarregados tribunais de imigração.

ELA MORAVA NA Rua 23, num prédio não em tão mau estado quanto o Coop, mas sob muitos aspectos parecido. O lugar era cheio de estudantes

universitários espremidos em apartamentos pequenos mobiliados com peças baratas. No início do terceiro ano, havia conhecido Gordon Tanner, um rapaz louro, bonito e atlético que morava no apartamento em frente. Uma coisa levou rapidamente a outra e os dois iniciaram um fatídico caso que em pouco tempo os levou a cogitar a possibilidade morarem juntos – para poupar dinheiro, claro. Gordon finalmente vetou a ideia porque Brenda, a linda noiva de sua cidade natal, adorava a cidade grande e o visitava com frequência.

Conciliar duas mulheres se revelou demais para Gordy. Ele estava noivo de Brenda desde quase sempre e agora queria desesperadamente se livrar do casamento. Zola levantava questões bem diferentes, e ele não estava convencido de que era corajoso o suficiente para fugir com uma garota negra e nunca mais ver a família nem os amigos. Some-se a isso a pressão de um mercado de trabalho saturado ou inexistente, uma dívida sufocante e a perspectiva de não passar na prova da ordem, e Gordy perdeu o controle. Ele havia sido diagnosticado como bipolar cinco anos antes. Remédios e terapia funcionavam bem, e com exceção de um episódio assustador na graduação, sua vida tinha sido bem normal até ali. Isso mudou por volta do dia de Ação de Graças do terceiro ano na Foggy Bottom, quando ele parou com a medicação. Chocada com suas oscilações de humor, Zola finalmente o confrontou. Ele confessou a doença e voltou a tomar os remédios. Os altos e baixos se regularizaram por umas duas semanas.

Eles terminaram as provas e foram passar o feriado com as respectivas famílias, embora nenhum dos dois quisesse ir. Gordy estava decidido a provocar a briga final com Brenda e acabar com os planos de casamento. Zola não queria passar tempo com a família. Mesmo com todos os problemas que tinha, seu pai achava necessário fazer sermões e comentários sobre o pecaminoso estilo de vida ocidental da filha.

Uma semana depois, os dois estavam de volta a Washington. Gordy ainda estava noivo e o casamento ainda estava confirmado para 15 de maio. Mas ele havia parado de tomar os remédios e estava se comportando de maneira imprevisível. Passou dois dias sem sair do quarto, dormindo durante horas e depois ficando sentado, com o queixo apoiado nos joelhos, olhando fixamente para as paredes escuras. Zola entrava e saía, sem ter certeza do que fazer. Ele desapareceu por três dias e ficou lhe mandando mensagens de texto dizendo que estava num trem para Nova York para “entrevistar

umas pessoas”. Estava seguindo o rastro de uma grande conspiração e tinha muito trabalho a fazer. Ela estava dormindo no seu apartamento quando ele apareceu às quatro da manhã, arrancando suas roupas e querendo sexo. Mais tarde no mesmo dia, desapareceu outra vez, atrás de malfeitores, para “desencavar uns podres”. Ao voltar, continuava na fase da mania e passou horas no laptop. Disse a ela para não ir ao seu apartamento, porque tinha muito trabalho a fazer.

Assustada e irritada, Zola acabou indo até o Old Red Cat conversar com Todd.

## 4

Ela os estava esperando em frente ao prédio, e eles a seguiram escada acima até seu apartamento no primeiro andar. Quando entraram, ela fechou a porta e lhes agradeceu por terem ido. Estava claramente preocupada, quase histérica.

– Cadê ele? – perguntou Mark.

– Lá – respondeu Zola, meneando a cabeça em direção ao corredor. – Não me deixa entrar e se recusa a sair. Acho que está sem dormir há dois dias. Fica para lá e para cá, e neste exato momento está subindo pelas paredes.

– E sem medicação? – indagou Todd.

– Pelo visto sim, ao menos não a da farmácia. Desconfio que esteja se automedicando.

Eles se entreolharam, cada qual esperando alguém dar o próximo passo. Por fim, Mark falou:

– Vamos lá.

Eles atravessaram o corredor e Mark bateu na porta.

– Gordy, sou eu, Mark. Estou aqui com o Todd e a Zola e a gente quer conversar.

Silêncio. Dava para escutar Bruce Springsteen bem baixinho ao fundo.

Mark tornou a bater e repetiu o que tinha dito. A música cessou. Uma cadeira ou banco foi chutado e caiu no chão. Mais silêncio, então a fechadura fez um clique. Alguns segundos se passaram e Mark abriu a porta.

Gordy estava em pé no meio do cômodo apertado, vestindo apenas um velho short de ginástica do Redskins, o mesmo que eles já o tinham visto usar uma centena de vezes. Estava olhando fixamente para uma parede e os ignorou quando eles entraram. À sua esquerda, a pequena cozinha estava de pernas para o ar, com latinhas de cerveja vazias e garrafas de destilados abandonadas na pia e espalhadas pelas bancadas. Copos de papel, guardanapos usados e embalagens de sanduíche cobriam o chão. À sua direita, a pequena mesa de jantar estava lotada de papéis dispostos em pilhas aleatórias em volta de um laptop e de uma impressora. Debaixo da mesa, o chão estava coberto de papéis, pastas e matérias de revista descartados. O sofá, a televisão, a espreguiçadeira e a mesa de centro tinham sido empurrados o máximo possível para um dos cantos, como se para afastar tudo da parede.

Que por sua vez era um labirinto de cartolinas brancas e dezenas de folhas de papel, tudo organizado segundo alguma ordem maluca e pregado com tachinhas coloridas e fita durex. Com pilot preto, azul e vermelho, Gordy estava em pleno processo de montar um gigantesco quebra-cabeça corporativo, alguma grandiosa conspiração que levava aos rostos ameaçadores de alguns homens no alto.

Gordy parecia estar encarando esses rostos. Estava pálido, abatido e obviamente havia perdido muito peso, algo que Mark e Todd não tinham percebido duas semanas antes, durante as provas finais. Ele era atlético e adorava malhar, mas os músculos tonificados tinham desaparecido. Os fartos cabelos louros, fonte de imensa vaidade, estavam lambidos e sem lavar havia dias. Ao vê-lo e constatar a condição de seu apartamento, eles entenderam na mesma hora que seu amigo tinha passado dos limites. Estavam diante de um artista maníaco, isolado e perturbado – e muito concentrado em trabalhar num enorme painel.

– A que devo a honra? – perguntou Gordy, virando-se para encará-los de cara feia.

Estava com os olhos fundos, as bochechas chupadas e o rosto coberto por uma barba de uma semana.

– A gente precisa conversar – disse Mark.

– É, precisa – respondeu ele. – Mas quem vai falar sou eu, porque tenho muita coisa a dizer. Agora entendi tudo. Eu peguei os filhos da mãe e a gente precisa agir rápido.

Pisando em ovo, Todd concordou:

– Tá bom, Gordy. A gente está aqui para escutar. O que está rolando?

Gordy apontou para o sofá e disse com toda calma:

– Sentem-se, por favor.

– Prefiro ficar em pé, Gordy, se estiver tudo bem – disse Mark.

– Não! – disse ele, agressivo. – Não está tudo bem. Faça o que eu estou dizendo e vai ficar. Agora sente – falou ele rosnando, subitamente zangado, parecendo prestes a socar alguém.

Nem Mark nem Todd durariam dez segundos num mano a mano com Gordy. Tinham presenciado ele se meter em duas brigas, ambas nocautes rápidos com seu amigo ainda em pé.

Todd e Zola sentaram-se no sofá e Mark puxou uma banquetta do bar. Todos encaravam a parede sem acreditar. Aquilo era um labirinto de fluxogramas com setas apontando em todas as direções e ligando dezenas de empresas, escritórios de advocacia, nomes e números. Como colegas que acabaram de levar uma bronca, eles ficaram sentados, aguardando enquanto assimilavam o que estavam vendo.

Gordy foi até a mesa de jantar, onde havia uma garrafa de tequila pela metade. Serviu um pouco em sua caneca de café favorita e bebeu como se estivesse tomando chá.

– Você perdeu bastante peso, Gordy – comentou Mark.

– Não reparei. Depois recupero. A gente não está aqui para falar sobre o meu peso. – Segurando a caneca e obviamente sem pensar em oferecer algo para beber aos amigos, ele foi até a parede e apontou para a foto do alto. – Este aqui é o Grande Satã. O nome dele é Hinds Rackley, um advogado de Wall Street convertido em escroque do investimento, com uma fortuna de apenas 4 bilhões, o que hoje em dia mal consegue pôr o coitado na lista da *Forbes*. Um bilionário menor, digamos, mas que mesmo assim tem todos os brinquedinhos: mansão na Quinta Avenida com vista para o parque, uma grande propriedade nos Hamptons, iate, uns dois jatinhos, esposa perfeita, o de sempre. Estudou direito em Harvard, depois passou alguns anos num grande escritório. Não se adaptou, de modo que abriu o próprio escritório com uns amigos, fez umas fusões aqui e ali, e agora tem ou controla quatro escritórios de advocacia. Para um bilionário, é um tanto tímido e preza muito a própria privacidade. Opera por trás de muitas empresas diferentes. Só consegui rastrear umas poucas, mas descobri o suficiente.

Gordy estava falando com a parede, de costas para a plateia. Quando

ergueu a caneca para a encher com mais tequila, as marcas das costelas ficaram visíveis. Sua perda de peso era espantosa. Ele agora falava com calma, como se revelasse fatos que apenas ele soubesse.

– O principal veículo dele é a Shiloh Square Financial, um fundo de investimentos privado que também lida com aquisições alavancadas, dívidas de empresas em recuperação judicial, todos os joguinhos habituais de Wall Street. A Shiloh controla uma parte da Varanda Capital (quanto, não se sabe, porque os arquivos deles são sumários). Tudo nesse cara é ardiloso. E a Varanda controla uma parte do Grupo Baytrium. Como vocês devem saber, o Baytrium é dono de várias outras empresas, entre as quais está nossa querida Faculdade de Direito Foggy Bottom. A nossa e três outras. O que vocês não sabem é que a Varanda controla também uma empresa chamada Lacker Street Trust, com sede em Chicago, e a Lacker Street é dona de quatro outras faculdades de direito particulares. Num total de oito.

Do lado direito da parede, dentro de grandes quadrados, estavam os nomes Shiloh Square Financial, Varanda Capital e Grupo Baytrium. Abaixo, numa fileira, liam-se os nomes de oito faculdades de direito: Foggy Bottom, Midwest, Poseidon, Gulf Coast, Galveston, Bunker Hill, Central Arizona e Staten Island. Abaixo de cada nome havia números e palavras em letras miúdas demais para serem lidas do outro lado da sala.

Gordy foi até a mesa e serviu devagar mais uma dose de tequila. Bebeu um gole, foi de novo até a parede e ficou de frente para eles.

– Rackley começou a juntar essas faculdades todas uns dez anos atrás, sempre escondido atrás das suas muitas fachadas, claro. Não é contra a lei ser dono de uma faculdade de direito ou de graduação com fins lucrativos, mas mesmo assim ele quer manter isso debaixo dos panos. Acho que tem medo de alguém descobrir o seu esquemazinho sujo. Eu descobri. – Ele deu outro gole e os encarou intensamente, os olhos arregalados e brilhantes. – Em 2006, os caras inteligentes lá do Congresso decidiram que qualquer um deveria ter a possibilidade de melhorar consideravelmente de vida estudando mais, de modo que resolveram então, em linhas gerais, que qualquer pessoa, inclusive nós quatro aqui, poderia pedir emprestado quanto fosse necessário para cursar o ensino superior. Financiamento para todo mundo, dinheiro fácil. Anuidades, livros, até despesas com moradia, independentemente do valor, e, claro, tudo amparado pela garantia do governo federal.

– Todo mundo sabe disso, Gordy – disse Mark.



– Ah, obrigado, Mark. Agora, por favor, fique sentado e calado aí e me deixe falar.

– Sim, senhor.

– O que nem todo mundo sabe é que, depois de Rackley abrir as faculdades de direito, todas as oito começaram a se expandir rapidamente. Em 2005, a Foggy Bottom tinha quatrocentos alunos. Quando a gente chegou, em 2011, eram mil inscritos, número que se mantém até hoje. O mesmo vale para as outras faculdades dele, todas com mais ou menos mil alunos. As faculdades compraram imóveis, contrataram qualquer professor de segunda que conseguiram encontrar, pagaram rios de dinheiro para administradores com currículos aceitáveis e, claro, fizeram um marketing feroz. E por quê? Bem, o que nem todo mundo sabe é como funciona a economia das faculdades de direito particulares.

Ele tomou outro gole e foi até a extrema direita da parede, onde havia um cartaz coberto de números e cálculos.

– Um pouco de matemática sobre as faculdades de direito – anunciou. – Vamos pegar a Foggy Bottom, por exemplo. Eles nos arrancam 45 mil por ano de anuidade, e todo mundo paga. Não existem bolsas, nem fundos de auxílio, nada que as instituições de verdade têm para oferecer. Isso significa um lucro bruto de 45 milhões. Eles pagam aos professores uns 100 mil por ano, muito abaixo da média nacional de 220 para as boas faculdades, mas mesmo assim uma maravilha para os palhaços que deram aula para a gente. A oferta de acadêmicos do direito à procura de trabalho é inesgotável, então eles fazem fila para implorar por um emprego porque, naturalmente, adoram a companhia de nós alunos. A faculdade gosta de se gabar de sua baixa razão de alunos por professor, dez para um, como se todos nós tivéssemos aula com profissionais de talento em turmas pequenas e acolhedoras, certo? Lembram das aulas de direito civil do primeiro semestre? Éramos uns duzentos alunos espremidos na sala de aula do Steve Gaguinho.

– Como você descobriu os salários deles? – interrompeu Todd.

– Conversei com um professor, fui atrás dele. Ele lecionava direito administrativo para o terceiro ano e a gente nunca teve aula com ele. Foi demitido faz dois anos por beber em serviço. Nós tomamos um porre juntos e ele me contou tudo. Eu tenho minhas fontes, Todd, sei do que estou falando.

– Tá, tá bom. Estava só curioso.

– Enfim, a Foggy Bottom tem uns 150 professores, a sua maior despesa.

Uns quinze milhões por ano, digamos. – Ele apontou para uma confusão de números que os outros mal conseguiam ler. – Depois disso tem a administração do último andar. Vocês sabiam que o nosso incompetente reitor ganha 800 mil por ano? É claro que não. O reitor da faculdade de direito de Harvard ganha meio milhão por ano, mas não é responsável por uma fábrica de diplomas onde alguém está de olho no saldo. O nosso reitor tem um bom currículo, parece ótimo no papel, fala bem toda vez que fala e tem mostrado bastante talento para servir de fachada para esse embuste. Rackley paga bem todos os seus reitores e espera que eles vendam o sonho. Somemos mais uns 3 milhões, digamos, para os outros salários superfaturados lá de cima, e é razoável dizer que a administração custa 4 milhões por ano. Vamos ser generosos e arredondar para cinco, o que nos deixa com 20 milhões de custos. No ano passado, a operação da faculdade teve um custo de 4 milhões: o imóvel, o quadro de funcionários e o marketing, claro. Só em anúncios foram gastos quase 2 milhões para atrair um número ainda maior de almas perdidas e fazer com que se matriculassem, começassem a pegar dinheiro emprestado e fossem atrás de uma carreira gloriosa no direito. Sei disso porque tenho um amigo que é um hacker de talento. Algumas coisas ele encontrou, outras não, e ficou impressionado com a segurança da faculdade. Disse que eles se esforçam muito para proteger os arquivos.

– Isso dá 24 milhões – disse Mark.

– Você é rápido. Vamos arredondar para 25, e o Grande Satã lucra 20 milhões líquidos por ano graças à boa e velha Foggy Bottom. Multipliquem isso por oito, e a conta vai deixar vocês de queixo caído.

Gordy pigarreou e cuspiu na parede. Tomou outro gole, engoliu devagar, e deu alguns passos de um lado para o outro.

– Então, como Rackley faz? – indagou ele. – Ele vende o sonho, e a gente mordeu a isca. Quando as suas oito faculdades se expandiram da noite para o dia, elas abriram as portas para todo mundo, independentemente das qualificações ou da pontuação no exame de admissão em cursos de direito. A pontuação média para entrar no primeiro ano da Georgetown, que nós temos certeza de estar entre as faculdades de prestígio, é 165. Nas da Ivy League a média é ainda maior. Nós não sabemos a média da Foggy Bottom, isso é um segredo militar. Meu hacker não conseguiu entrar no arquivo. Mas é seguro dizer que está bem abaixo de 150, provavelmente mais perto

de 140. Uma das maiores falhas nesse sistema defeituoso é que nenhuma média é baixa demais para ser aceita. Essas faculdades de merda aceitam qualquer um que consiga um empréstimo federal e, como já sabemos, *qualquer um* pode pegar dinheiro federal emprestado. A Ordem Nacional de Advogados acreditaria até um jardim de infância que alegasse ser uma faculdade de direito. Ninguém está nem aí para quão burro é um candidato. Nem o programa de financiamento federal. Não quero ofender ninguém aqui, mas todos nós sabemos a nossa pontuação. Todos nós já ficamos bêbados o suficiente para falar sobre ela. Com exceção da Zola, claro, que por acaso tem a mais alta dos quatro. Então, para ser diplomata, eu diria que a média deste nosso grupinho é 145. Com base nos percentuais, as chances de passar na prova da ordem com uma pontuação de 145 é de mais ou menos 50%. Ninguém nos disse isso quando a gente se candidatou, porque eles não estão nem aí para a gente; só querem o nosso dinheiro. A gente já estava ferrado no dia em que entrou.

– Você está ensinando o padre a rezar missa – disse Mark.

– E o sermão não acabou – rebateu Gordy, que em seguida os ignorou por alguns instantes enquanto estudava sua parede.

Mais uma vez, os três outros trocaram olhares carregados de apreensão e medo. O sermão estava interessante, mas eles estavam muito mais preocupados com o amigo.

Gordy retomou:

– A gente está nessa situação porque viu a oportunidade de correr atrás de um sonho que ninguém tinha dinheiro para pagar. Nenhum de nós deveria estar estudando direito, e agora estamos enterrados até o pescoço em dívidas. Nosso lugar não é aqui, mas a gente caiu num golpe e acreditou que o nosso destino era uma carreira lucrativa. Tudo graças ao marketing e à promessa de um emprego. Empregos, empregos, empregos, grandes empregos com ótimos salários. Só que na realidade eles não existem. No ano passado, os grandes escritórios de Wall Street estavam oferecendo 175 mil para os melhores formandos. Uns 160 mil aqui em Washington. A gente passou anos ouvindo falar de empregos como esses e por algum motivo se convenceu de que poderia conseguir um. Hoje nós sabemos a verdade, e a verdade é que existem alguns empregos na faixa dos 50 mil, tipo isso que você conseguiu arrumar, Mark, embora ainda não saiba qual vai ser o salário. São vagas em escritórios pequenos onde o trabalho é brutal e o

futuro sombrio. Os grandes escritórios pagam acima de 160. E não existe nada entre os dois. Nada. A gente aguentou as entrevistas, bateu de porta em porta, vasculhou a internet. Nós sabemos como o mercado está ruim.

Os três menearam a cabeça, principalmente para acalmá-lo. Gordy tomou outro gole, foi até o lado esquerdo da parede e apontou.

– É aqui que estão as coisas feias de verdade, a parte sobre a qual vocês não sabem nada. Rackley é dono de um escritório de advocacia em Nova York chamado Quinn & Vyrdoliac; vocês talvez já tenham ouvido falar. Eu não tinha. No meio, ele é conhecido apenas como Quinn. Tem sucursais em seis cidades, uns quatrocentos advogados, e não está entre os cem maiores do país. Tem uma filial pequena aqui em Washington com trinta advogados. – Ele apontou para uma folha de papel com o nome do escritório em negrito. – O Quinn presta sobretudo serviços financeiros, a parte suja do negócio. Lida com arrestos, recuperações, cobranças, inadimplências, falências, quase tudo relacionado a dívidas que deram errado. Inclusive financiamentos estudantis. O Quinn paga bem, pelo menos no início. – Ele apontou para um folheto colorido de três partes aberto e pregado na parede. – Eu vi isto aqui quatro anos atrás, quando estava pensando em entrar para a Foggy Bottom. Vocês também devem ter visto. Esse folheto estampa o rosto sorridente de um certo Jared Molson, um graduando que supostamente tinha conseguido um emprego feliz no Quinn com um salário inicial de 125 mil. Eu me lembro de ter pensado, *ora, se a Foggy Bottom está formando caras que arrumam empregos assim, estou dentro*. Bem, eu achei o Sr. Molson, tive uma longa conversa com ele enquanto bebíamos uma cerveja. Ele recebeu uma oferta de emprego do Quinn, mas só assinou um contrato depois de passar na prova da ordem. Trabalhou lá durante seis anos e acabou pedindo demissão. Ele pediu as contas porque o salário dele não parava de *baixar*. Segundo ele, a cada ano a administração estudava o lucro do escritório e decidia que era preciso cortar custos. Em seu último ano, ele faturou pouco mais de 100 mil e não aguentou mais. Disse que passou a viver feito um mendigo, consegui reduzir a dívida e agora trabalha como corretor de imóveis e dirige um Uber em meio período. Esse escritório trata os funcionários como escravos e ele diz que foi usado pela máquina de propaganda da Foggy Bottom.

– E ele não é o único, certo? – perguntou Todd.

– Ah, não. Molson foi só um entre muitos. O Quinn tem um site todo

metido a besta e eu li a biografia de todos os quatrocentos advogados. Trinta por cento deles se formaram nas faculdades do Rackley. Trinta por cento! Então, amigos, o Rackley contrata essas pessoas a salários invejáveis e depois usa seus rostos sorridentes e suas grandes histórias de sucesso para fazer propaganda.

Ele fez uma pausa, tomou um gole, e então abriu um sorriso convencido, como se esperasse aplausos. Chegou mais perto da parede e apontou para outro rosto, uma fotografia em preto e branca xerocada, uma das três logo abaixo do Grande Satã.

– Este safado aqui é Alan Grind, um advogado baseado em Seattle que é sócio limitado da Varanda. Grind é dono de um escritório de advocacia chamado King & Roswell, mais uma operação de baixo prestígio com duzentos advogados em cinco cidades, principalmente no oeste do país. – Ele apontou para a esquerda, onde o King & Roswell ocupava um lugar ao lado do Quinn & Vyrdoliac. – Dos duzentos advogados do Grind, 45 saíram das oito faculdades.

Ele tomou outro gole e foi até a mesa encher a caneca.

– Você vai beber essa garrafa toda? – perguntou Mark.

– Só se eu quiser.

– Talvez fosse bom você pegar mais leve.

– E talvez fosse bom você cuidar da sua vida. Eu não estou bêbado, só estou suficientemente alterado. E quem você acha que é para ficar regulando a minha bebida?

Mark respirou fundo e deixou para lá. O discurso de Gordy estava claro o bastante. Sua cabeça com certeza estava funcionando bem. Apesar da aparência desleixada, ele parecia sob controle, pelo menos por ora. Tornou a ir até a parede e apontou para as fotos.

– Este aqui do meio é Walter Baldwin, tem um escritório de advocacia em Chicago chamado Spann & Tatta, trezentos advogados em sete cidades, de costa a costa. Mesmo tipo de serviço, mesma predileção por formandos de faculdades pequenas. – Ele apontou para o terceiro rosto abaixo de Rackley. – E para fechar a gangue temos o Sr. Marvin Jockety, sócio sênior de um escritório de advocacia do Brooklyn chamado Ratliff & Cosgrove. Mesma estrutura, mesmo modelo de negócios.

Gordy tomou outro gole e admirou seu trabalho. Virou-se e olhou para os três.

– Sem querer esmiuçar o que deveria estar óbvio, o Rackley tem o controle sobre quatro escritórios de advocacia com 1100 advogados em 27 escritórios. Juntos, eles contratam formandos suficientes de todas as suas faculdades para lhes dar munição de sobra para se gabar, de modo que otários como a gente venham correndo com montes de dinheiro fornecido pelo Congresso. – Sua voz de repente ficou alta e trêmula. – É perfeito! É lindo! É uma grandíssima armação envolvendo faculdades de direito sem risco nenhum. Se a gente não honrar nossas dívidas, os contribuintes pagam a conta. Rackley consegue privatizar os lucros e socializar os prejuízos.

De repente, ele arremessou sua caneca de café na parede. A caneca ricocheteou no drywall sem quebrar e saiu rolando pelo chão. Ele se sentou, encostando-se na parede com força, de frente para os outros três, e esticou as pernas. As solas de seus pés estavam negras de sujeira e fuligem.

O barulho da caneca jogada ficou ecoando por alguns segundos enquanto eles o observavam. Nada foi dito por um longo tempo. Mark ficou olhando para a parede, assimilando o complô. Não havia motivo algum para duvidar da pesquisa de Gordy. Todd encarava a parede como se estivesse fascinado pela conspiração. Zola encarava Gordy e se perguntava o que deveriam fazer com ele.

Por fim, quase num sussurro, Gordy falou:

– O meu número é 276 mil em empréstimos, contando este semestre. Qual é o seu, Mark?

Não havia segredos. Os quatro se conheciam bem o bastante.

– Contando este semestre, 266 – disse Mark.

– Todd?

– 195.

– Zola?

– 191.

Gordy balançou a cabeça e riu, não por estar achando graça, mas por incredulidade.

– Quase um milhão. Quem, em sã consciência, emprestaria um milhão de dólares para nós quatro?

Isso agora parecia mesmo absurdo, risível até. Após outra longa pausa, Gordy falou:

– Não tem saída. Mentiram para a gente. Nós fomos enganados, caímos num golpe, e fomos tragados para este lugar patético. Não tem saída.

Lentamente, Todd se levantou e foi até a parede. Apontou para o meio dela e perguntou:

– O que é Sorvann Lenders?

Gordy bufou em mais uma risada fingida e respondeu:

– O resto da história. Por meio de outra empresa (e esse cara tem mais fachada do que um shopping popular), Rackley é dono da Sorvann, que é hoje a quarta maior financiadora privada de estudantes universitários. Quando você não consegue dinheiro suficiente com o governo, passa para as empresas privadas, onde, surpresa, as taxas de juros são mais altas e os cobradores fazem a máfia parecer escoteiros-mirins. A Sorvann oferece empréstimos para os alunos da graduação também e tem uma carteira de uns 90 milhões de dólares. É uma empresa em expansão. Evidentemente o Rackley também está farejando lucro no setor privado.

– E o que é Passant? – perguntou Todd.

Outra risada sofrida. Gordy se levantou devagar e foi até a mesa, onde pegou a garrafa e tomou uma golada no gargalo. Fez uma careta, engoliu com força, limpou a boca com o antebraço, e por fim falou:

– Passant é a terceira maior empresa de cobrança de empréstimos do país. Presta serviços para o Departamento de Educação para “atender” as dívidas universitárias, como eles gostam de dizer. Tem mais de um trilhão de dólares por aí, emprestados a idiotas como a gente. A Passant é um bando de terroristas e já foi processada várias vezes por práticas abusivas de cobrança. O Rackley é dono de uma parte dela. O cara é o mal encarnado.

Gordy foi até o sofá e sentou-se ao lado de Zola. Quando ele passou, Mark sentiu o forte cê-cê. Todd foi até a cozinha americana, deu a volta no lixo espalhado pelo chão, abriu a geladeira e pegou duas latas de cerveja. Passou uma para Mark e ambos as abriram. Sem ligar para o mau cheiro de Gordy, Zola afagou sua perna.

Mark meneou a cabeça em direção à parede e perguntou:

– Há quanto tempo você está trabalhando nisso?

– Isso não importa. Tem mais coisa na história, se vocês quiserem escutar.

– Eu já escutei o suficiente – disse Mark. – Ao menos por agora. Que tal a gente ir até a esquina comer uma pizza? A Mario's ainda está aberta.

– Ótima ideia – disse Todd, mas ninguém se mexeu.

Por fim, Gordy falou:

– Meus pais estão comprometidos com 90 mil da minha dívida, uma por

um financiamento particular da época da graduação. Dá para acreditar? Eles hesitaram por um bom motivo, mas eu insisti muito. Que imbecil! Meu pai ganha 50 mil por ano vendendo implementos agrícolas e não tinha nenhuma dívida, a não ser a hipoteca, quando eu comecei a pegar empréstimos. Minha mãe trabalha em meio período na escola. Eu menti para eles, disse que estou com um ótimo emprego garantido e que vou poder pagar as parcelas. Menti para a Brenda também. Ela acha que a gente vai morar na cidade grande, onde eu vou sair para trabalhar todos os dias vestindo um terno bonito, ansioso para abrir caminho até o topo. Eu estou numa sinuca de bico, pessoal, e não vejo saída.

– A gente vai sobreviver, Gordy – disse Mark, mas sem convicção.

– A gente vai sair dessa – disse Todd, sem especificar a que “essa” estava se referindo: a faculdade de direito? A dívida? A falta de emprego? Ou o colapso mental de Gordy?

Os desafios eram muitos no momento. Fez-se mais uma pausa longa e desanimada. Mark e Todd ficaram tomando suas cervejas em silêncio.

– Como a gente pode desmascarar o Rackley? Eu já pensei em me sentar com um jornalista, alguém que cubra a parte financeira no *Post* ou quem sabe no *Journal*. Pensei até numa ação coletiva na justiça contra o safado. Pensem nos milhares de jovens idiotas como a gente, que estão no mesmo barco furado e adorariam atacar o cara depois que a verdade vier à tona.

– Não acho que um processo seja possível – disse Mark. – Ele com certeza montou um esquema brilhante, mas não fez nada que possa justificar um processo. Não existe nenhuma lei que proíba as faculdades de fundo de quintal, muito embora ele esteja fazendo o máximo para esconder isso. Seus escritórios de advocacia podem contratar quem bem entenderem. É nojento, injusto, fraudulento, mas não é o bastante para um processo.

– Concordo – disse Todd. – Mas adoro a ideia de ajudar um repórter investigativo a atacar o cara.

– Não teve um caso na Califórnia em que uma estudante de direito processou a faculdade porque não conseguia arrumar emprego? – perguntou Zola.

– Sim, teve vários casos assim; nenhum deu em nada, com exceção desse da Califórnia – respondeu Mark. – O caso foi a julgamento e o júri decidiu a favor da faculdade.

– Eu não vou desistir do processo – disse Gordy. – É o melhor jeito de desmascarar o Rackley. Dá para imaginar como seria uma revelação dessas?



– Seria bem divertido, mas ele não é burro – falou Mark. – Pô, o cara tem quatro escritórios de advocacia. Pense só na artilharia pesada que ele usaria contra você. Os requerentes passariam cinco anos soterrados pela papelada.

– O que você sabe sobre processos na justiça? – perguntou Gordy.

– Tudo. Eu estudei na Foggy Bottom.

– Sem mais perguntas.

A tentativa desanimada de fazer graça passou, e eles ficaram encarando o chão. Por fim, Todd falou:

– Venha, Gordy, vamos comer uma pizza.

– Eu não vou a lugar nenhum, mas acho que vocês deveriam ir embora.

– Nesse caso a gente também não vai – disse Mark. – Vamos ficar aqui.

– Por quê? Eu não preciso de babá. Podem ir.

Ainda em pé, Todd foi até o sofá e encarou o amigo.

– Vamos falar sobre você, Gordy, você e o seu quadro. Você não está dormindo nem comendo, nem tomando banho, aliás. Está tomando a medicação?

– Que medicação?

– Pare com isso, Gordy. A gente é seu amigo e está aqui para ajudar.

– Que medicação? – ele exigiu saber.

– Pare com isso, Gordy. A gente sabe o que está acontecendo – disse Mark.

Gordy se virou para Zola e rosnou:

– O que você contou para eles?

Zola estava a ponto de responder quando Todd disse:

– Nada. Ela não disse nada, mas a gente não é cego, Gordy. Somos seus melhores amigos e você precisa de ajuda.

– Eu não preciso de medicação – disparou ele de volta, antes de se levantar num pulo, passar esbarrando em Todd e entrar no quarto. Segundos depois, gritou: – Vão embora daqui! – E bateu a porta.

Eles inspiraram fundo e se entreolharam.

Segundos depois, a porta se abriu e Gordy saiu. Pegou a garrafa de tequila, falou:

– Fora daqui! Agora!

E tornou a desaparecer dentro do quarto.

Um minuto se passou sem qualquer barulho. Zola se levantou e atraves-

sou a sala. Encostou o ouvido na porta do quarto e ficou escutando. Deu um passo para trás e sussurrou:

– Acho que ele está chorando.

– Ótimo – sussurrou Mark.

Mais um minuto se passou. Bem baixinho, Todd disse:

– A gente não pode deixar ele sozinho.

– De jeito nenhum – concordou Mark. – Vamos nos revezar. Eu fico com o primeiro turno ali no sofá.

– Eu não vou sair daqui – disse Zola.

Mark olhou em volta e terminou sua cerveja. Quase num sussurro, falou:

– Tá, você fica com o sofá e eu com a poltrona. Todd, você dorme no sofá da Zola, e daqui a algumas horas a gente troca.

Todd aquiesceu e disse:

– Tá, acho que funciona.

Foi até a geladeira, pegou outra cerveja e saiu. Mark apagou as luzes e se acomodou na poltrona de couro surrada. A alguns metros dele, Zola se encolheu no sofá.

– Esta noite vai ser longa – sussurrou ele.

– É melhor a gente não dizer nada – falou ela. – As paredes são finas e ele pode escutar.

– Certo.

O relógio digital do micro-ondas emitia uma luz azulada que pareceu ficar mais forte à medida que seus olhos se adaptavam à escuridão. A luz definiu as sombras da pequena mesa de jantar, do computador e da impressora. Embora eles ainda estivessem totalmente acordados, nada se movia no recinto. Nenhum som vinha do quarto. Uma música suave e distante chegava do corredor. Dez minutos depois, Mark sacou o telefone e verificou as mensagens e os e-mails. Nada importante. Os dez minutos seguintes foram como uma hora inteira, e a poltrona foi se tornando cada vez mais desconfortável.

Mark encarou a parede. Não conseguia ver a imagem de Hinds Rackley, mas podia sentir seus olhos a observá-los com um ar de superioridade. Nesse momento, porém, ele não estava preocupado com Rackley e sua grande conspiração. Estava preocupado com Gordy. Seu desafio no dia seguinte seria fazer o amigo ir ao médico.